



RESUMOS EXPANDIDOS E RELATOS DE EXPERIÊNCIA

SISTEMATIZAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBO SENHOR DO BONFIM AREIA-PB

Shirley Santos Monteiro¹; Dualyson da Silva Santos¹; Juliana Ferreira de França¹; Jômane Costa de Jesus¹; Andraia Vasconcellos²

¹Mestranda em Tecnologia Agroalimentar-UFPB/CCHSA, E-mail: shirley_pinto_monteiro@hotmail.com;
¹Graduado em Agroecologia-UFPB/CCHSA, E-mail: dualyson@hotmail.com; ¹Graduada em Agroecologia-CCHSA-UFPB; E-mail: julianacavnufpb@hotmail.com; ¹Graduando em Agroecologia-UFPB/CCHSA, E-mail: costajomane@gmail.com, ²Doutoranda de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento da UFSM, E-mail: dreagroeco@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho relata a experiência de uma visita técnica realizada a comunidade Quilombo Senhor do Bonfim no município de Areia-PB. O referido relato trata da visita técnica realizada pelos participantes do Seminário Multiterritorial: Políticas Públicas, Agroecologia e Economia Solidária, realizada no período de 14 a 16 de dezembro de 2015, no Universidade Federal da Paraíba *Campus III*, Bananeiras-PB. Aqui será exposta a trajetória pedagógica realizada na vivência com agricultores. Observou-se que o processo de aprendizagem a partir desse método foi valioso para compreensão e entendimento da cultura, funcionamento da comunidade Quilombola.

Palavras-chave: Conquista e luta, Quilombolas, Negros,

CONTEXTUALIZANDO

O Brasil é um país de vários povos. Diversos segmentos da sociedade brasileira são marcados por identidades coletivas próprias. Cerca de oito milhões de brasileiros fazem parte de povos e comunidades tradicionais, correspondendo, entre esses, uma média de dois milhões de remanescentes quilombolas, de acordo com o Centro de documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES, 2008). Concede-se de fundamental a abordagem inicial acerca do negro no Brasil, reconhecer que a omissão da historiografia oficial sobre a participação deste em vários momentos de luta pelos direitos humanos contribuiu e, ainda, contribui para o não reconhecimento do papel desempenhado na construção do país. Apesar de visto apenas como massa escravizada indispensável ao processo de enriquecimento das classes abastadas, o negro não foi passivo, muito menos resignado, nem durante o período da escravidão, tampouco no período pós-escravidão, em que a busca por cidadania plena constitui-se a marca do movimento social negro brasileiro em tempos pós-modernos (SILVA, 2010).

De acordo com a antropóloga Perutti (2009, p.80), “os quilombos eram organizações de resistência e luta contra uma sociedade escravocrata. Por isto, traziam em sua proposta uma

Cadernos Macambira

V. 2, Nº 2, p. 94, 2017.

Anais do III Simpósio de Agroecologia da Bahia.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas,
Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
<http://revista.lapprudes.net/>



organização social mais justa”. Se atualmente existem mais de mil comunidades quilombolas, no tempo da escravidão (1500 a 1888) devem ter existido muito mais do que dois mil quilombos.

Segundo Marques (2004), o modo de vida dos povos do campo é entendido como uma configuração bastante dinâmica e que só pode ser compreendida a partir de sua inserção na sociedade, que hoje inclui as relações sociais que ocupam as comunidades camponesas na sociedade moderna capitalista, entendendo como a relação entre tradição e modernidade e qual lugar ocupam os povos de vidas tradicionais.

O objetivo deste trabalho foi conhecer a realidade da comunidade Quilombola Senhor do Bonfim, desde sua formação, forma de produção e costumes de seu povo, com o intuito de levar a experiências vividas pelo seu povo por meio deste intercâmbio, realizado pelo Seminário Multiterritorial: Políticas Públicas, Agroecologia e Economia Solidária.

Descrição da Experiência

O presente trabalho se constitui se de um relato de experiência sobre a Comunidades Quilombo Senhor do Bonfim, localizado no Distrito de Cepilho, no município de Areia-PB. Com o intuito de conhecer a comunidade, pois a mesma se destaca pelo constante avanço no processo de demarcação de terras e por sua estrutura e prosperidade. O acompanhamento deste trabalho se deu por intermédio do Seminário Multiterritorial: Políticas Públicas, Agroecologia e Economia Solidária, realizado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias (CCHSA), Campus-III, Bananeiras-PB.

A visita foi realizada no mês de dezembro de 2015, na comunidade Quilombo Senhor do Bonfim, localizado no Distrito de Cepilho, no município de Areia-PB, aos 136 km da Capital João Pessoa-PB. O qual está localizado na mesorregião do Agreste Paraibano, microrregião do Brejo Paraibano de clima ameno.

O método escolhido para apresentação da comunidade foi o método de travessia, intermediado pelo senhor Geraldo onde relator um pouco da sua história de luta pela terra e as conquistas de sua comunidade (Figura 1).

Cadernos Macambira

V. 2, Nº 2, p. 95, 2017.

Anais do III Simpósio de Agroecologia da Bahia.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas,
Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
<http://revista.lapprudes.net/>



Figura 1. Travessia para o reconhecimento da comunidade Quilombola Senhor do Bonfim.

A história da Comunidade Quilombo Senhor do Bonfim iniciou com conquista das terras e características da comunidade, “a conquista pela posse da terra foi aberta, após a morte da antiga proprietária da fazenda, onde as 25 famílias residia, essa área foi vendida para um outro proprietário que tentaram expulsar as famílias da área que residia, através de advogado do MST conseguimos loga exceto”. O processo de reconhecimento da comunidade como remanescente quilombo e mais tarde concessão do título de propriedade coletiva da Comunidade Negra Senhor do Bonfim.

A comunidade atualmente é composta por 25 famílias de remanescentes de quilombolas, onde tomaram posse de 122 hectares, desses 122 hectares, 40 hectares são destinados para área de reserva legal, 82 hectares são coletivos, por serem terras de negro não se pode ser dividida. A imissão da posse da terra e reconhecimento da comunidade quilombola se deu no ano de 2007, onde foram a primeira comunidade a receber a carta de reconhecimento da Fundação Cultural Palmares no estado da Paraíba.

A Comunidade Senhor do Bonfim é composta por 25 famílias remanescentes de quilombola, atualmente passa por um processo de desenvolvimento social, cultural e econômico, buscando seus direitos e acessando políticas públicas como bolsa família, a renda da comunidade vem principalmente de comercialização de hortaliças como: alface (*Lactuca sativa*), couve (*Brassica*

Cadernos Macambira

V. 2, Nº 2, p. 96, 2017.

Anais do III Simpósio de Agroecologia da Bahia.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas,
Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
<http://revista.lapprud.es.net/>



oleracea L.), berinjela (*Solanum melongena*), cebolinha (*Allium fistulosum*), chuchu (*Sechium edule*) entre outras hortaliças, como também comércio de frutas laranja cravo (*Citrus reticulata*), banana (*Musa sp*), mamão (*Carica papaya*), abacate (*Persea americana*), caju (*Anacardium occidentale*) e jaca (*Artocarpus heterophyllus*), além de outros excedentes como feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), milho (*Zea mays* L.), macaxeira (*Manihot esculenta*), produção da farinha e criação de bovinos leiteiro e de corte.

A produção de hortaliças, frutas e grão são comercializados nos programas governamentais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) no município de Areia-PB, sendo a maior parte da produção da comunidade vendida para a Fazenda Tamanduá, principalmente as hortaliças. A Fazenda Tamanduá, em Patos-PB compra cerca de 1.000 kg de hortaliças (couve, berinjela, coentro, cebolinha, alface crespo e americano). A comunidade não utiliza muito as feiras livres para escoar a produção por ser desvantajoso, pelo baixos preços e perda dos produtos.

Os produtores da comunidade realizam práticas agrícolas de baixo impacto ambiental, como a adubação orgânica, consórcios, rotação de culturas e utilizam sementes próprias, de acordo com princípios agroecológicos, tendo assim poucas infestações por pragas e doenças, diminuindo as chances de perdas econômicas. A divisão da terra é de bem comum de todos e é feita de acordo com o trabalho da família, a produção é individual e a comercialização é em conjunto com os demais produtores da comunidade.

Os agricultores dispoem de assistência técnica da Emater de Areia-PB, os moradores mantêm uma relação de trabalho configurando em troca de trabalhos entre os moradores.

Podemos observa que os moradores da comunidade, tem orgulho de sua história e de morar no mesmo pedaço de terra a varia gerações, mesmo com as dificuldades apresentadas durante ao longo do tempo até a conquista da terra, insegurança na localidade como foram relatados alguns casos na localidade, mais tentam preserva seus costumes e não seja perdido, para que as futuras gerações disfrutem dessas tradições de seu povo.

REFERÊNCIAS

Cadernos Macambira

V. 2, Nº 2, p. 97, 2017.

Anais do III Simpósio de Agroecologia da Bahia.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas,
Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
<http://revista.lapprudes.net/>



CEDEFES. Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (Organizadores). Comunidades quilombolas no século XXI: História e resistência. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARQUES, M. I. M. O lugar do modo de vida tradicional na modernidade. **In:** OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (org.). O Campo no Século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra. 2004.

PERUTTI, D. C. Os quilombolas e o placar das titulações. Fórum (São Paulo. 2001), v. 80, p. 80, 2009.

SILVA, J. M. S. **Tecendo estórias das comunidades mais remanescentes quilombolas aqui e acolá.** 2010. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2004. Orientação de Prof^a Doutora Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes.